

CHEIAS

TRAGÉDIA E GARRAFÃO

Cerca de meio milhão de portugueses pereceu, recentemente, em circunstâncias trágicas, durante a diluviana madrugada de um domingo. Para lá do doloroso ceifar de vidas humanas, registaram-se prejuízos de tal monta que o seu cómputo real ainda está longe de poder determinar-se. Podemos no entanto referir, numa estimativa que só pecará pela prudência, algo como meio milhão de contos. Estas as grandes perdas provocadas pela chuva. Para as minorar, gerou-se uma cadeia de solidariedade que ultrapassou as nossas fronteiras e se estendeu ao demais mundo civilizado, a provar que, nos momentos de pura desgraça, largos sectores da espécie humana podem esquecer rivalidades ou diferendos e revelar-se verdadeiros irmãos ós seus irmãos. Soubemos que não estávamos sós. Palavras de conforto e de solidariedade foram-nos endereçadas, do mesmo passo que auxílios materiais valiosos afluíram. Entre a dor e as dificuldades que duramente os sobrevi-

mentares sentimentos ou de mais primitiva educação. Mas tem de dizer-se, de apontar-se, de verberar-se, para que, em qualquer emergência, se não torne a registar tal coisa.

Em todas as localidades atingidas não há memória de tal afluência de pessoas que usaram de todos os meios de transporte, desde as pernas aos automóveis de luxo, com aquecimento e telefonias a irradiar música suave ou os relatos dos jogos de futebol. Provocaram engarrafamentos terríveis nas estradas e prejudicaram os trabalhos de remoção de terras e de escombros, em curso em todos os locais onde as enxurradas se fizeram sentir com maior violência. Levaram e sumaram farnéis abundantes, copiosamente regados. Instalaram-se nos lugares altos e passaram ali as tardes soalhentas, vendo a actividade esforçada das escavadoras e dos homens, a remover entulho e toneladas de lama e terra e pedras.

As autoridades, especialmente a Polícia de Viação e Trânsito, tiveram de intervir, primeiramente para disciplinar tanto quanto possível o trânsito, depois para impedir o acesso a diversos locais de quem nada mais tinha

lá para baixo), ou estacionaram às dezenas antes, depois e até na ponte da autoestrada do Norte, em Alhandra. No que respeito a todas as outras localidades, ficam também em rodovias que servem muitas outras vilas e aldeias, pelo que todo o tráfego foi prejudicado em larga escala devido aos engarrafamentos provocados pela curiosidade doentia e chocante de tantos milhares de pessoas. Registe-se, ainda, que não tivemos conhecimento de que uma só dessas pessoas tivesse ajudado, ou com o seu trabalho ou com o seu óbulo, qualquer dos trabalhos cujo curso foram perturbado, ou qualquer dos muitos atingidos rudemente pela fatalidade, para cuja dor a atitude dos visitantes foi uma verdadeira ofensa. A atitude de quem foi almoçar ou merendar, ou simplesmente fazer turismo para os locais da calamidade exige que, de futuro, em qualquer emergência, as autoridades tomem severas medidas, em vez do simples aviso que fizeram, através da Imprensa, da Rádio e da Televisão, pedindo que se evitasse transitar ou ir ver as povoações atingidas. Esse aviso foi feito para pessoas de senti-

EMIGRAÇÃO

PARIS É PORTUGAL

Sobre os diversos problemas suscitados pela Emigração Portuguesa para França, e a fim de averiguar as possibilidades de formação dum espírito de colónia, foi organizado pelo Jornal dos Emigrantes «Correio Português», sob o patrocínio da Associação Nacional dos Portugueses em França, um colóquio em que, durante três dias, se discutiram importantes questões, chegando-se a conclusões do mais alto interesse. Os dirigentes que tomaram parte neste I Encontro de Portugueses em França — entre os quais os srs. engenheiro Ayres d'Aguiar, dr. Dias Pablo (Presidente da Caixa Central de Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes), dr. Ribeiro Meneses (Cónsul-Adjunto em Paris, representando o Cónsul-Geral), José-Augusto (Director da Casa de Portugal), P.º dr. Ardérius Alves (Director das Missões Católica Portuguesas em França), e Monteiro Afonso (Director de «Correio Português» e organizador do Encontro) — concluíram, além da necessidade urgente de criar junto da Embaixada de Portugal em França um Adido Social que acompanhe e coordene todos os movimentos e proble-



CHEIAS
dor para uns, espectáculo para outros

ventes sofreram, a fraternidade e a solidariedade de nacionais e estrangeiros foram bálsamos.

Houve, porém, uma atitude que merece a mais viva reprovação, até porque está a tornar-se num hábito que não só as mais elementares regras de civildade impõem seja extirpado, mas também briga com os próprios interesses materiais de quantos precisam de auxílio imediato, em qualquer emergência: as povoações mais atingidas sofreram, nos feriados imediatamente posteriores à tragédia, uma invasão de turistas bárbaros, que lá foram com o exclusivo fim de verem com os próprios olhos o grande espectáculo de morte, de sentirem a atmosfera da tragédia (com todo o conforto), de cheirar a vasa que amortalhou corpos, de palpar pedras que arrasaram casas e esmagaram pessoas. É mórbido, é cru, é chocante dos mais rudi-

que fazer ali do que contemplar os vestígios da tragédia. No entanto, muitos houve que desbragadamente mentiram quanto aos seus objectivos, que prestaram falsas declarações, a justificar a sua entrada em Alenquer, Odivelas, Alhandra, Loures, Arruda dos Vinhos, etc. Nas estradas de grande movimento, como a que liga Lisboa ao Porto, esses turistas da morte causaram atrasos, além de todos os inconvenientes já apontados, atrasos a quem teve de viajar entre uma cidade e outra, ou entre a capital e as numerosas cidades e aldeias ao longo dessa primeira via de comunicação do nosso País. Outros, em clara infracção das regras claramente estabelecidas ou no Código da Estrada ou noutros regulamentos de trânsito, fizeram comboios de carros a deslocar-se a menos de 20 quilómetros horários, nas curvas de Alenquer (para deitarem uma espreitadela

mentos que, felizmente, ainda são a maioria. Em qualquer outra emergência, que se não deseja, como é óbvio, mas pode acontecer (e até em simples desastres nas rodovias o caso se verifica) há que tomar energias medidas contra quem não tem o mínimo respeito pelas conveniências e lesa gravemente os direitos dos outros, com o maior despudor, com a mais fátua e arrogante jactância. Além do conhecimento próprio que tivemos destes factos, inúmeros leitores se nos dirigiram a verberar a vergonhosa exibição de falta de sentimentos. Será preferível educar sem punir (e daí este escrito), mas se não for possível de outro modo, terá de se castigar. Até porque esses milhares de curiosos são uma minoria e o seu mau exemplo, se não for sustido com energia, virá a ser pernicioso para toda uma geração de crianças e jovens em formação.

TRÂNSITO

O PREÇO DA MORTE

Um impudorado diálogo entre dois mecânicos, ouvido na paragem de um carro eléctrico que demorou muito a chegar, trouxe a primeiro plano um problema da maior importância: o alto preço por nós pago nas oficinas de reparações de automóveis para que nos roubem, nos lezem a fazenda e nos ponham as vidas em risco de morte na estrada. Em ar de divertido gaudío, os dois homens, na casa dos trinta, contavam as mil e uma aldrabices de que os clientes das duas oficinas em que trabalhavam eram constantemente vítimas. Numerosas pessoas que ali estavam ficaram cientes de que, pelo menos naquelas garagens, os clientes pagam materiais não aplicados nos seus carros, peças saídas de facto dos armazéns mas que vão beneficiar os carros dos mecânicos e dos seus amigos ou clientes privados. Há quem chegue ao pormenor de, para iludir a vigilância nalgumas oficinas de patrões e gerentes mais conscienciosos, trazer as peças dos carros que estão gastas. Aproveitam a existência de carros em revisão ou a sofrerem reparações diversas para desmontar as peças idênticas, apresentando depois as primeiras, inegavelmente deterioradas. Os responsáveis decidem a substituição, os mecânicos recebem as peças novas, colocam nos carros as mesmas que de lá tiraram e ficam com as outras para eles. E, para prova da «verdade», ainda entregam aos seus superiores as peças estragadas, que são devolvidas ao cliente.